



A administradora da Ceilândia  
tem recebido todo apoio do  
governo para a cidade

# Administradora ajudou a cidade a nascer

“Eu me orgulho de ter sido a parteira de uma favela que deu luz a uma cidade que hoje é o maior núcleo habitacional do Distrito Federal”, disse a administradora regional da Ceilândia, Maria de Lourdes Abadia Bastos. Ela acompanhou, como assistente social, todo o trabalho de remoção de favelas para a Ceilândia em março de 1971, e desde essa época está à frente daquela comunidade.

A Ceilândia, para a sua administradora, é uma cidade que cada vez mais se consolida, cresce e desenvolve, “graças a gama dos seus moradores, a união de esforços do Governo, Instituições e Comunidades, e à teimosia em não aceitar o preconceito que lhe quiseram imprimir de cidade marginalizada”.

Maria de Lourdes entretanto, tem algumas críticas a fazer ao plano de remoção que deu origem à Ceilândia:

— Se dependesse de mim uma política de desfavelamento, eu jamais optaria pela concentração da miséria em uma única área, como ocorreu com a Ceilândia. Melhor seria ter espalhado essa população de antigas invasões entre áreas e setores que já contassem com uma infra-estrutura urbana e social.

## SITUAÇÃO

Lamenta ainda a administradora que o plano original de oferecer de imediato melhores condições de vida a uma população oriunda de invasões, tenha sido prejudicado e até retardado com a construção indiscriminada na cidade de novos conjuntos habitacionais.

“É muito difícil — diz ela — atender a uma comunidade que de um ano para outro cresce duas vezes mais. Antes da criação do setor P, o conjunto habitacional com 15.400 residências da SHIS, a Ceilândia contava com cerca de 150 mil habitantes. Com o novo setor — continua Maria de Lourdes — essa população foi quase que duplicada, criando novos problemas para a administração regional, já que o conjunto foi entregue aos seus moradores sem nenhuma infra-estrutura e até sem iluminação pública”.

Observa ainda a administradora da Ceilândia, que a comunidade estabelecida em conjuntos habitacionais da SHIS, sempre reluta, inicialmente, em aceitar ser um novo habitante da Ceilândia, criando barreiras para não integrar à população pioneira.

Segundo a administradora, poucos são os moradores de setores como o P, que se identificam como habitantes da Ceilândia. “Eles se referem ao local onde moram como área de Taguatinga quando na realidade esses conjuntos estão subordinados à administração de Ceilândia e portanto, a ela pertence”.